

Tragédia chapecoense: exploração midiática na narração dos fatos do velório apresentada no Jornal Nacional¹

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA
Even Grazielly de Sousa Escócio SILVA²
Eliseu Ribeiro de SOUZA³

Resumo

O acidente aéreo ocorrido no dia 29 de novembro de 2016 com a delegação da Chapecoense e outros passageiros que vitimou 71 pessoas, foi um dos assuntos pautados pelos veículos de comunicação no dia quanto nos que vinham a seguir. Pela ânsia do furo jornalístico, a tragédia foi explorada de todas as formas pela mídia, inclusive pela Rede Globo, objeto de recorte deste artigo. Ao ser a única emissora a transmitir a cerimônia fúnebre de dentro dos bastidores, com reportagem feita por Kiria Meurer, mostra-se em questão transgredindo o Código de Ética do Jornalista.

PALAVRAS-CHAVE: Tragédia Chapecoense; Cobertura Jornalística; Código de Ética do Jornalista; Kiria Meurer; Jornal Nacional.

INTRODUÇÃO

Noticiar em um jornal o fenômeno chamado morte para o público é indubitavelmente delicado, independente de qual meio de comunicação se use, seja ele por meios televisivo, impresso, internet ou rádio. Inegavelmente também desafiador para cada âncora, apresentador ou repórter, transmitir ao espectador esse momento de luto em uma matéria.

Ainda mais sendo uma tragédia envolvendo pessoas públicas tão próximas a todos, como no caso do acidente do avião da delegação da Chapecoense na Colômbia vitimando 71 pessoas, em 29 de novembro de 2016, vitimando jogadores, jornalistas, tripulação e convidados do time.

Para Redü e Negrini (2016, p.959), muitas vezes o gaguejamento, o desconforto em falar sobre o assunto e o descontrole das emoções de quem está passando a informação sobre esse tipo de ocorrido se sucede como forma de aproximação com o público. Pois quando o jornalista deixa de lado a bancada “faz com que o espectador se sinta como parte integrante e fundamental do jornal” (REDÜ; NEGRINI, 2016, p. 946-947). Como no caso de Galvão

¹ Trabalho apresentado na IJ 01 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Estudante do curso de Comunicação Social - Jornalismo na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e membro do grupo de pesquisa GCiber. E-mail: graziellyescocio@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Direito da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. E-mail: eliseuribeiro@outlook.com

Bueno, em um link3 para o programa *Encontro com Fátima Bernardes*, exibido pela Rede Globo no dia 29 de novembro de 2016:

Quantas vezes nós já ... me perdoe a falta de voz porque não... não dormi. Tá chocado e desde as sete horas da manhã aqui. É ... quantas vezes nós estivemos juntos falando de futebol, quantas vezes nós alimentamos esperanças pela nossa mas isso tudo é muito pouco e tudo isso é insignificante. Até o próprio momento da Chapecoense, desse momento de um clube novo de 1973 que vivia essa seleção brasileira, quantas vezes até depois de derrotas nós estivemos juntos falando? Eu, eu, eu diria que é um dos momentos mais difíceis desses meus 42 anos de carreira. Me vem imediatamente à mente a narração do acidente de Ayrton Senna, mas nesse momento foram 76 vidas humanas. Os familiares, a notícia do Danilo que deixou a mulher Letícia e o filho Lorenzo de dois anos que nós dávamos como um dos sobreviventes e chega a notícia do falecimento dele que não resistiu. O, o, o Caio Junior dizendo que Deus o colocou ali naquele, naquele momento, e nossos companheiros de Globo, companheiros de outras televisões, essa, esse momento de, de fantasia, de ser o primeiro time de Santa Catarina a chegar à uma final internacional. Os vídeos que nós mostramos da alegria, do embarque, de estarem, estarem ali embarcando. É, tudo isso é nada perto do que se perdeu. Perto do que, o que se pode dizer a uma mãe, o que se pode dizer a um pai, se pode dizer a um filho a uma esposa, a um irmão, aos familiares. O que se pode dizer a eles apenas que Deus dê forças pra que cada um possa superar esse momento. Acho que as reações vieram de imediato de todas as partes do mundo, O mundo do futebol se movimentou (...) Eu, eu não tenho mais vontade de fazer nenhum jogo de futebol esse ano não. (BUENO, 2016)

Entretanto, existe outro ponto peculiar na narração de episódios tristes em grande parte dos veículos de comunicação quando há cobertura sobre tal fatalidade: o empenho em atrair público. Desse modo, muitos jornais, visando o lucro com a audiência, dá ênfase maior ao acontecimento, tornando a matéria sensacionalista, justificando suas atividades com a busca pela satisfação da curiosidade e dos desejos do espectador, e violando os direitos de quem está em dor e sofrimento causada pela morte dos entes.

No que concerne à relevância atribuída pelo público ao noticiário de mortes, de acordo com diferentes perfis de enunciatário, Angrimani (1995, p. 54) afirma que o tema “interessa a todos, igualmente, independente do nível cultural ou econômico de cada pessoa”. Assim, entre a cobertura feita pela imprensa tida como sóbria e a considerada sensacionalista, há, sobretudo, uma diferença entre as estratégias textuais utilizadas, recobrando determinados pontos de vista. a. O autor se baseia em Baudrillard (1976 apud ANGRIMANI, 1995, p. 56), que toma a morte do outro “saboreada como espetáculo”. (GAMA; MANCINI, 2017, p.8)

Com a facilidade de difundir essas informações a mídia, muitas vezes, invade e afeta a vida das pessoas causando danos irreversíveis, nesse momento os meios de comunicação só pensam na audiência impelem a imprensa à busca da superficialidade, da arrogância, de escândalos, de um autêntico sensacionalismo (...) Nessa ânsia de divulgar notícias que consideram, de acordo com a sua conveniência, ser de interesse público, os jornalistas acabam invadindo a intimidade dos indivíduos, num total desrespeito aos direitos constitucionalmente consagrados. Isto posto, deve-se questionar até que ponto é lícito à imprensa tornar pública a vida íntima das pessoas sob pretexto de

levar a informação aos diversos setores da sociedade. (TOALDO; NUNES; MAYNE, 2012, p.4)

Assim, o ápice da discussão do presente artigo é compreender até que ponto a mídia irá atrás de um furo para atender o interesse do seu público ao noticiá-lo. Para essa questão, analisaremos a reportagem do velório da Chapecoense transmitido pela Rede Globo feita pela afiliada RBS TV com a repórter Kiria Meurer, que conscientemente ao saber que não poderia mais carregar o cinegrafista com ela pois entraria num espaço reservado apenas aos familiares e amigos das vítimas da tragédia, diz que irá gravar com a câmera do celular e mostra imagens desse cenário, assim como entrevista pessoas no seu momento de luto, afim de transmitir esse período ao telespectador, o código de ética do jornalista, por seguinte o direito à intimidade.

#FORÇACHAPE: O ACIDENTE TRÁGICO

A Associação Chapecoense de Futebol, fundada em maio de 1973, a partir da união de antigos clubes da cidade de Chapecó, em Santa Catarina, seguia rumo à Bolívia para a final da Copa Sul-Americana no dia 28 de novembro de 2016. O time que venceu seu primeiro título no Campeonato Catarinense, o estadual, em 1977, comemorava a vitória de vencer o time da Argentina, San Lorenzo, e o Atlético Nacional, da Colômbia, avançando rumo o CONMEBOL Sul-Americana⁴. Além de ser a única delegação a representar o Brasil nos últimos três anos.

A equipe de futebol partiu às 16h do Aeroporto Internacional de Guarulhos para Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, pois a Anac não liberou que a delegação fosse em um voo direto a Medellin, na Colômbia, onde aconteceria a disputa. Depois da parada obrigatória, por volta das 20h15 no horário de Brasília – 18h15 no horário local, a aeronave fretada que comportava 95 pessoas, transportava 77 pessoas a bordo, dos quais 68 eram passageiros e 9 tripulantes, entre eles jogadores, dirigentes, jornalistas, comissão técnica e a tripulação do avião, seguia rumo ao seu destino final.

Segundo informações do site da Revista Época (2016), na matéria intitulada “*Avião da Chapecoense cai; 71 morrem*”⁵, aproximadamente à 00h55, a aeronave emite seu último sinal para os radares. Menos de meia hora depois, em torno das 01h15, 50 quilômetros próximo ao seu destino, acontece o acidente que mataria 71 pessoas. Por ser

⁴ Nome oficial da Copa Sul-Americana

⁵ Disponível em: <http://epoca.globo.com/esporte/noticia/2016/11/cinco-sobrevivente-do-aviao-com-time-da-chapecoense.html>

uma região de difícil acesso, não era possível se locomover de carro e as buscas precisaram ser realizadas a pé. Para a retirada dos corpos foi necessário o uso de helicóptero.

Logo na madrugada, muitos veículos de informação, com as poucas informações que tinham, começam a falar sobre o acidente e especular as causas que poderiam o ter provocado. Por conta disso, foi possível observar dados durante todo o dia noticiados com desacordos, como números maiores de mortos e pessoas dentro do avião até horários que se divergiam entre os jornais, o que angustiava familiares, já que não havia uma declaração oficial. Em decorrência disso o presidente em exercício da Chapecoense, Ivan Tozzo, publicou uma nota através do Facebook do time:

Em função do desencontro das notícias que chegam das mais diversas fontes jornalísticas, dando conta de um acidente com a aeronave que transportava a delegação da Chapecoense, a Associação Chapecoense de Futebol, através de seu vice-presidente Ivan Tozzo, reserva-se o direito de aguardar o pronunciamento oficial da autoridade aérea colombiana, a fim de emitir qualquer nota oficial sobre o acidente. Que Deus esteja com nossos atletas, dirigentes, jornalistas e demais convidados que estão junto com a delegação.

A lista oficial das vítimas do voo CP2933, realizado pela companhia boliviana LaMia, que levava a delegação da Chapecoense saiu apenas no dia 01 de dezembro de 2016, comunicando que apenas seis dos 71 passageiros sobreviveram. Entre as vítimas estão 19 atletas: Bruno Rangel, Cleber Santana, Ananias Eloi Castro Monteiro, Arthur Brasileiro Maia, Aílton Cesar Junior Alves da Silva (Canela), Marcos Danilo Padilha, Dener Assunção Braz, Filipe José Machado, José Paiva (Gil), Guilherme Gimenez de Souza (Gimenez), Everton Kempes dos Santos Gonçalves, Lucas Gomes da Silva, Matheus Bitencourt da Silva (Matheus Biteco), Sérgio Manoel Barbosa Santos, William Thiago de Jesus, Tiago da Rocha, Marcelo Augusto, Mateus Lucena dos Santos (Caramelo) e Josimar Rosado da Silva Torres.

Também inclui integrantes da comissão técnica do clube, o vice-presidente e o presidente do time, o vice-presidente da CBF, convidados, entre outros, como Luiz Cesar Martins Cunha, Sérgio Luis Ferreira de Jesus, Anderson Donizette, Adriano Wulff Bitencourt, Cleberson Fernando da Silva, Eduardo Luiz Preuss (Cadu), Mauro Luiz Stumpf, Sandro Luiz Pallaoro, Nilson Folle Jr., Decio Sebastião Burtet Filho, Jandir Bordignon, Mauro Dal Bello, Edir Félix de Marco, Ricardo Philippi Porto, Delfim Pádua Peixoto, Luiz Carlos Saroli (Caio Júnior), Anderson Roberto Martins, Eduardo de Castro Filho (Duca), Marcio Bestene Koury, Anderson Rodrigues Paixão Araújo, Daví Barela Dávi, Luis Felipe Grohs (Pipe Grohs) e Rafael Correa Gobbato.

Além de 21 membros da imprensa, abarcando Victorino Chermont, Guilherme Marques, Ari de Araújo Júnior (Ari Júnior), Guilherme Van de Laars, Giovane Klein Victória, Bruno Mauri da Silva, Djalma Araújo Neto, Gilberto Pace Thomas, André Podiacki, Laion Espíndola, Rodrigo Santana Gonçalves, Devair Paschoalon (Deva Pascovicci), Lilacio Pereira Jr. (Jumelo Pereira), Paulo Julio Clement, Mário Sérgio, Renan Agnolin, Fernando Doesse, Edson Ebeliny (Picolé), Gelson Galiotto, Douglas Dorneles e Jacir Biavatti. Ainda continha os membros da tripulação: Miguel Quiroga, Ovar Goytia, Sisy Arias, Rommel Vacaflores, Alex Quispe, Gustavo Encina e Angel Luco.

Após esse informe, Ivan Tozzo confirma que os corpos seriam velados no dia 03 de dezembro de 2016 pela manhã na Arena Condá, em Chapecó, e que os corpos sairiam da Colômbia um dia antes por volta das 19h no horário de Brasília. Enquanto isso as coberturas feitas por todos tipos de mídia eram incessantes, repletas de atualizações e de busca por furos jornalísticos, tornando a morte o principal destaque durante esse período. Esses parâmetros remetem a uma das teorias da comunicação, a teoria do agendamento ou agenda-setting, que leva esse nome porque sugere que a mídia é quem pauta sobre o que iremos falar.

A mídia é a principal ligação entre os acontecimentos no mundo e as imagens destes acontecimentos no nosso imaginário e que a imprensa utiliza estereótipos para simplificar e distorcer o entendimento de uma realidade que não podemos ver. (BROWN, 2014, *online*)

Pertinente a esse cenário, usuários da internet em comoção e forma de homenagem às vítimas do incidente utilizam a hashtag “Força Chape” ou “#FORÇACHAPE” afim de mostrar solidariedade as famílias e amigos. Em prol desse cenário, o presidente Michel Temer declarou três dias de luto nacional e acionou a aeronáutica brasileira e o Ministério das Relações Exteriores para ajudar nesse momento tão delicado para o país. Recorrente a essa situação, a Conmebol cancelou o campeonato e muitos times pediram para que o título fosse dado à Chapecoense, dias depois ela foi declarada campeã da Copa Sul-Americana 2016.

ANÁLISE DA COBERTURA FEITA PELO JORNAL NACIONAL

O Jornal Nacional (JN), exibido pela Globo no horário noturno de segunda a sábado, que é apontado por Redü e Negrini (2016) como o mais visível e de maior credibilidade no âmbito nacional, se destacou na cobertura do acidente da Chapecoense com produções especiais sobre o assunto – inclusive dando ênfase ao dia da cerimônia fúnebre das vítimas da tragédia.

Segundo a Agência Brasil (2016), ele foi um dos credenciados dos mais de 1700 profissionais da mídia de 14 países que pediram para trabalhar na cobertura do velório. Outro dado pertinente é que “durante a cerimônia, os jornalistas terão acesso limitado ao gramado, onde os corpos serão velados. A intenção dos organizadores é permitir aos familiares e amigos das vítimas que tenham a privacidade respeitada” (AGÊNCIA BRASIL, 2016).

Entre muitas matérias exibidas durante toda a cobertura feita pelo JN, o presente artigo busca destacar a edição especial do jornal no dia 03 de dezembro de 2016, especificamente na reportagem feita por Kiria Meurer. A repórter, entre todos os profissionais, é a única a acompanhar os bastidores dos momentos íntimos vividos pelas famílias das vítimas no dia e escancarar esse momento de dor tão de perto, desde o embarque para o aeroporto até o velório. Tendo vista todos os dados e as informações postas, conclui-se que essa exploração da matéria contradiz o que foi imposto a mídia e até mesmo uma possível violação do Código de Ética do Jornalista.

A televisão se torna palco para extravasamento da morte, em oposição a perspectiva vigente de negação do fenômeno. Constata-se, portanto que: tratando-se de transmissões midiáticas, a morte é levada aos olhos do público nos mais diversos programas, fazendo parte de programas de entretenimento e ganhando considerável espaço no jornalismo (Negrini, 2009, p. 143). Em tais coberturas, sabe-se que os jornalistas se deslocaram para produzir a cobertura in loco e estarem mais próximos do público. Isso tudo vai ao encontro da ideia de laço social, eis que foram tragédias que o país inteiro acompanhou. (NEGRINI, REDÜ, 2016, p.947)

Exibida no último bloco, a reportagem inicia com Kiria Meurer narrando, com apoio de um cinegrafista, o embarque dos parentes das vítimas nos dois ônibus que levariam todos ao aeroporto para encontrar com o presidente Michel Temer e receber a medalha de mérito. Mais adiante, eles se dirigiram a Arena Condá, onde foram velados os corpos.

Nós vemos aí os familiares das vítimas chegando pra embarcar em dois ônibus que irão levar essas pessoas aí, familiares, parentes das vítimas dessa tragédia. Vão levar todo mundo ao aeroporto num percurso de nove quilômetros, são 71 pessoas que vão até o aeroporto pra encontrar com o presidente da República pra receber a medalha de mérito do presidente da República. Ó tem mais gente embarcando. Consegui aqui um lugarzinho no ônibus. Vou acompanhar esses familiares até o aeroporto. A partir desse momento, a nossa câmera com cinegrafista não pode entrar. Então eu vou gravando com o meu celular. (SIC)

Após isso, ela começa a filmar dentro do ônibus a aflição dos familiares e chega a entrevistar o presidente em exercício, Ivan Tozzo, que fala sobre o momento difícil em que todos estão passando. Em seguida, a cena é o desembarque no aeroporto para o recebimento dos corpos, onde pode-se notar que enquanto ela narra a descida dos parentes, acaba interrompendo a história para entrevistar uma das pessoas, invadindo assim a sua privacidade já que a entrevistada tenta continuar seu percurso enquanto a repórter insiste em abordá-la.

Nós estamos chegando nesse momento no aeroporto, olha só! E os familiares das vítimas estão descendo aqui para receber aí o presidente, para receber os corpos. Um momento muito difícil pra todos. Você é parente de quem? - Eu sou esposa do Rafael Gobbato, o fisioterapeuta. – Finalmente acabou a espera. – O pior vem agora.

Nesse primeiro aspecto, é notório a quebra do Código de Ética do Jornalista que ressalva no artigo 6º, inciso VII, que é dever do jornalista: “respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão”. Além de apontar no artigo 7º, parágrafo II que o jornalista não pode: “submeter-se a diretrizes contrárias à precisa apuração dos acontecimentos e à correta divulgação da informação” nem mesmo de acordo com o artigo 10º manifestar sua opinião em veículos de comunicação sem responsabilidade, como apresentado no comentário infeliz feito pela autora referente a viúva do fisioterapeuta Rafael Gobbato.

A cena muda e a jornalista nos leva para dentro do aeroporto, onde aproveita um momento de choro da namorada de uma das vítimas para filmar, incitando o telespectador a ter compaixão e se solidarizar com a situação ao mostrar o depoimento comovente dela sobre a promessa que ela fez sobre ir buscar o amado ao desembarcar do campeonato. Essa declaração foi feita logo após Kiria afirmar que a mulher em questão tinha passado mal, consequentemente filmando-a sendo atendida.

Do lado de fora encontramos a namorada de uma das vítimas que recebeu atendimento médico. - No último momento que a gente conversou, ele me disse "amor, você vai me buscar no aeroporto né? Eu disse: "com certeza que eu irei". E, e aqui eu tô num tô com coragem de entrar lá dentro porque não era assim que eu queria vim buscar ele, entendeu? Era ele vivo (choro).

A troca de ambiente ocorre, o cenário fica em silêncio com as chegadas dos corpos. Esse caso isolado aponta a seguinte questão: foi um momento oportuno de flagrante ou foi escolhido por ela pelo furo jornalístico/valor-notícia? Para Ferreira (2016), as "passagens que a emissora sempre fez questão em destacar, como se a História sempre conspirasse para as câmeras da Globo".

Nas mortes noticiadas pela mídia, tudo aquilo que é criticado na "morte cotidiana" é aceito: é permitido um longo ritual de despedida do falecido, fatos que remetem à memória do morto são relembrados exaustivamente, o choro e a comoção são aceitos, o culto à trajetória do morto é um recurso largamente utilizado, enfim, o excesso de drama e a exploração das emoções e sentimentos são bem-vindos nas coberturas noticiosas. (NEGRINI, REDÚ, p. 958)

Existe uma particularidade que se encontra nos fatos, o abuso do sensacionalismo na cobertura do acidente, considerado abominável pelo Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros no artigo 11º, inciso II.

Quando a notícia deixa de ser o relato e passa a ser a maneira, ou a roupagem com que é apresentada – rápida, sem apuração rigorosa, feérica, fantasiosa, vestida para chocar, exagerada, apelando para as sensações, o assombro, a admiração ou a repulsão do consumidor -, deixa de ser notícia, falseando a imagem da realidade. Ressalta-se nuances de poucas relevâncias, apenas garantidores de emoções, e contribui-se para reforçar mitos e crendices. (JORGE, 2008, p. 78)

De acordo como a matéria avança, o cenário é da vista de dentro do ônibus se aproximando do estádio Arena Condá com muitas pessoas nas ruas esperando pelas passagens das carretas com os corpos fúnebres. Dentro do ambiente onde aconteceria o velório, Kiria Meurer narra mais uma vez os bastidores da situação onde ela se encontra: "eles estão agora entrando na Arena Condá. Vão ficar aí num lugar reservado, logo mais chega os caixões e o velório feito aqui na Arena Condá". De modo consequente, cenas de uma mulher gritando e sendo carregada, pessoas se confortando aparecem. Questões relevantes a esse estudo se formam a partir dessa percepção, como se realmente esse âmbito era um espaço privado ou não, já que presenciamos juntamente com a repórter as emoções de quem está vivendo e invadindo esse momento de luto. Além de questionarmos se a ética, nesse sentido, foi colocada em prática ou deixada de lado.

A sociedade moderna está em modificações e, nessa onda, o conceito de privacidade se transforma também devido aos novos valores e paradigmas estabelecidos na contemporaneidade. Como pensar em privacidade na era dos satélites, das escutas telefônicas, das câmeras digitais ultra-modernas? Fundamentalmente, o mundo está cada vez mais na chamada aldeia global. Segundo McLuhan (1967), sociólogo canadense que criou o conceito, o ser humano está vivenciando acontecimentos simultâneos em que o tempo e o espaço desapareceram, afirmando que os meios eletrônicos está colocando o homem de novo em contato com as emoções tribais.(...) Gerando perseguições e artimanhas dos jornalistas para conseguir suas reportagens, passando por cima de vários valores éticos, devido à necessidade de sobreviver nesse mercado capitalista e injusto da concorrência profissional. (SANTANA; NETO; CONCEIÇÃO, 2009, p. 5-6)

Outros trechos com pessoas dentro do espaço destinado apenas a familiares e amigos entram em um *off* feito pela repórter como uma ambientalização do cenário: “Esta foi uma área reservada para as famílias enquanto o cortejo seguia de Chapecó, parentes e amigos mais próximos esperavam aqui pela chegada dos corpos”. Logo ela se insere novamente dentro da reportagem:

Amigos que acompanham os familiares abriam aqui um corredor pra passagem dos parentes das vítimas. A gente vê aí a chegada das coroas em homenagem às vítimas. Nós ouvimos o tempo todo gritos da torcida, na verdade é um gesto de solidariedade.

Após essa declaração, o vídeo introduz Batista Biavatti, irmão do narrador Jotha Biavatti, todavia existe uma particularidade ainda não citada antes: qual o motivo de identificar alguns e outros não? Talvez seja porque possa ferir o artigo 11º, inciso III, que afiança que divulgar informações obtidas por meios inadequados como estar ali de forma pertinentemente imprópria e insistir nas falas de algumas entrevistas. Quem sabe possa consistir na violação do direito ao íntimo e a privacidade, pois ao ser a única a explorar mais detalhadamente, não estava apta a estar nesse cenário já que era um espaço privado e reservado para pessoas próximas aos fúnebres, ou seja, restrito aos membros da imprensa.

Art. 31. O tratamento das informações pessoais deve ser feito de forma transparente e com respeito à intimidade, vida privada, honra e imagem das pessoas, bem como às liberdades e garantias individuais.

§ 1º As informações pessoais, a que se refere este artigo, relativas à intimidade, vida privada, honra e imagem:

I - terão seu acesso restrito, independentemente de classificação de sigilo e pelo prazo máximo de 100 (cem) anos a contar da sua data de produção, a agentes públicos legalmente autorizados e à pessoa a que elas se referirem; e

II - poderão ter autorizada sua divulgação ou acesso por terceiros diante de previsão legal ou consentimento expresso da pessoa a que elas se referirem.

§ 2º Aquele que obtiver acesso às informações de que trata este artigo será responsabilizado por seu uso indevido. (BRASIL, Lei nº 12.5276, de 18 de novembro de 2011)

Ainda nesse quesito, é comprometido o direito à imagem na reportagem, pois ressalvo a valor de informar, pautando apenas um acontecimento em recinto público ou mediante a prévia licença, a aparição dentro desse panorama não seria ilimitada. Porém, ao compartilhar esses registros em grande sensação como foi feito anteriormente e por pôr em dúvida se os elementos foram obtidos ou não com autorização dos entrevistados que aparecem durante a reportagem e dos entrevistados não identificados nominalmente podem ser dados como inadequados. Assim como anteriormente falado sobre a abordagem da narração:

Nós estamos chegando agora aqui, nas tendas. Onde os familiares estão velando os corpos. Das vítimas dessa tragédia. Difícil descrever o que nós testemunhamos aqui.

López para Agência Brasil (2016, online) defende que por isso já ter sido “uma tragédia. O jornalista não pode ir além disso para fazer sensacionalismo. As imagens falam por si, não se pode ir além disso”. Gama e Mancini (2017, p.5) complementam que ao apresentar “um forte efeito de sentido de verdade, nos veículos considerados sensacionalistas, identifica-se o uso exacerbado de estratégias de aproximação, com uma forte iconização, que exacerba a dramaticidade dos fatos noticiados”.

Imagem 1. Repórter Kiria Meurer em modo selfie



Fonte: Reprodução/YouTube

Finalizando a reportagem, são incluídos dois entrevistados - sendo eles: William Barbio, ex-jogador da Chapecoense e Fabiane Bele, esposa do fisiologista Luiz – falando sobre a dor que estavam sentindo e prossegue com uma versão selfie de Kiria Meurer narrando o que viria a acontecer nos momentos finais da homenagem aos “heróis da Chapecoense”.

Por conta dos exemplos citados acima, a matéria ganhou repercussão na internet e tornou-se matéria de vários veículos como podemos ver nos respectivos títulos: *Jornal Nacional é criticado por cobertura do velório dos jogadores da Chapecoense*⁶, *Globo expõe metástase do tautismo na tragédia da Chapecoense*⁷, *Globo exagera com música triste e “invasão” desnecessárias na despedida da Chapecoense*⁸, *Globo chega ao fundo do poço da insensibilidade em matéria do JN sobre tragédia da Chapecoense*⁹, *Ao explorar tragédia, globo sofre enxurrada de críticas*¹⁰, entre outros. Segundo Jimenez (2016), “internamente, comenta-se que só depois da reportagem ser exibida é que a emissora sentiu que poderia ter efeitos negativos” e acrescenta que segundo a emissora, a repórter tinha autorização a entrar.

CONCLUSÃO

No objeto de análise deste artigo, é veemente perceptível a transgressão dos deveres do Código de Ética do Jornalista, que preza sobre o papel e dever do jornalista com o compromisso em respeitar o direito à intimidade e privacidade do cidadão sejam considerados, pela repórter Kiria Meurer em transmissão feita pelo Jornal Nacional. Apesar de que Jimenez (2016) afirma que ao questionar a Rede Globo a mesma se diz ter autorização, suscita a seguinte pergunta por que a emissora é a única com autorização se claramente segundo a Agência Brasil (2016) nenhum veículo de comunicação teria

⁶ Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/12/jornal-nacional-e-criticado-por-cobertura-do-velorio-dos-jogadores-da-chapecoense.html>

⁷ Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/cinegnose/2016/12/06/1819/>

⁸ Disponível em: <http://www.otvfoco.com.br/globo-exagera-com-musica-triste-e-invasao-desnecessarias-na-despedida-da-chapecoense/>

⁹ Disponível em: <http://expertplay.net/forum/index.php?/topic/164073-globo-chega-ao-fundo-do-po%C3%A7o-da-insensibilidade-em-mat%C3%A9ria-do-jn-sobre-trag%C3%A9dia-da-chapecoense/>

¹⁰ Disponível em: <http://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/268693/Ao-explorar-trag%C3%A9dia-Globo-sofre-enxurrada-de-cr%C3%ADticas.htm>

acesso a área reservada e contraria a posição da repórter ao dizer que a partir de determinado momento ela não poderia mais filmar com cinegrafista e passa a utilizar o celular.

As ponderações da emissora chegam a ser duvidosas e relembra o que Toaldo, Nunes e Mayne (2012) falam sobre a invasão do íntimo afim de noticiar fatos que são/estão de acordo com seus propósitos. Pois, ao se submeter a diretrizes adversas na apuração dos fatos, abusa do seu poder de comunicadora escancarando informações ao público pelo tal furo jornalístico e do aumento de audiência – já que o telejornal é o único a reproduzir a ocasião do lado de dentro dos parentes e das vítimas-, acabou transformando a matéria em um espetáculo sensacionalista.

Inegavelmente, tragédias como a da Chapecoense são de interesse público e não há como não pautar ou agendar em grande escala notícias sobre tal fatalidade. Contudo, é preciso que o ato de produção e veiculação desses valores-notícias sejam feitos de forma coerente, respeitando os direitos humanos e os sentimentos das famílias que perderam seus entes queridos. Além de que o jornalista precisa atentar para seus deveres enquanto agente de comunicação e formador de opiniões.

Ao lançar as informações ao público também se carece de perceber quais tipos de reação seu trabalho produzirá, se a repercussão afetará os personagens da notícia, se o furo jornalístico não é meramente um requisito para audiência do veículo, se é realmente relevante ao interesse do público e, principalmente, como pode usar aquele espaço social para noticiar, expressar, respeitar e agenciar o valor-notícia sem ultrapassar os limites que lhe são impostos e sem usar a técnica do sensacionalismo. É preciso que a ética e a técnica de se fazer jornalismo caminhem juntos.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Cerca de 900 jornalistas de 14 países cobrirão velório coletivo da Chapecoense. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/cerca-de-900-jornalistas-de-14-paises-cobrirao-velorio-coletivo-da-chapecoense>. Acesso em: 04 de abr. 2019.

BROWN, Elias. **A Teoria do Agendamento ou Agenda Setting**. Disponível em: <http://www.casadosfocas.com.br/a-teoria-do-agendamento-ou-agenda-setting/>. Acesso em: 15 de abr. 2019.

CÓDIGO DE ÉTICA JORNALISTAS BRASILEIROS. Disponível em:
http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiro_s.pdf.
Acesso em: 13 abr. 2019.

GAMA, Raiane Nogueira; MANCINI, Renata. A morte estampada nas capas de jornais: uma análise semiótica do Massacre de Realengo. **REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**, 2017. Disponível em:
<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/download/10669/pdf>.
Acesso em: 02 de abr. 2019.

JIMENEZ, Keila. **Criticada por usar celular em velório, Globo diz que repórter foi autorizada a entrar**. Disponível em: <http://entretenimento.r7.com/blogs/keila-jimenez/2016/12/05/jornal-nacional-e-criticado-por-imagens-de-celular-em-velorio-em-chapeco/>. Acesso em: 10 de abr. 2019.

REDÜ, Natália Sheikha; NEGRINI, Michele. A morte no Jornal Nacional: o olhar de jornalistas sobre a apresentação do Caso Bernardo. **Temática**, v. 12, n. 8, 2016. Disponível em:
<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/30207/15969>. Acesso em: 10 de abr. 2019.

SANTANA, Allaisa de; NETO, Aureliando Quinto de Souza; CONCEIÇÃO, Lucas Erick de Aquino. **“Direito de Fofoca”: um Jornalismo que Incomoda(va)**. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2930-1.pdf>. Acesso em: 01 de abr. 2019.

TOALDO, Adriane Medianeira; NUNES, Denise Silva; MAYNE, Lucas Saccol. Liberdade de imprensa x direito à intimidade: reflexões acerca da violação dos direitos da personalidade. **Anais**. Disponível em:
<http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2012/11.pdf>. Acesso em: 04 de abr. 2019.

YOUTUBE, Edição de Notícias 2. **COMPLETO - Jornal Nacional Especial, Globo - Velório em Chapecó (03/12/2016)**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=ZScsXX63Fs0>. Acesso em 30 de mar. 2019.